



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM  
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**ERICKSON DA SILVA NOGUEIRA**

**VISIBILIDADE DO ESPORTE NORDESTINO: UM ESTUDO DA PRESENÇA DO  
NORDESTE NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

ERICKSON DA SILVA NOGUEIRA

**VISIBILIDADE DO ESPORTE NORDESTINO: UM ESTUDO DA PRESENÇA DO  
NORDESTE NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Jornalismo.

**Área de concentração:** Jornalismo Esportivo.

**Orientador:** Prof. Dr. Leonardo da Silva Alves

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N965v Nogueira, Erickson da Silva.

Visibilidade do esporte nordestino: um estudo da presença do Nordeste no programa Globo Esporte [manuscrito] / Erickson da Silva Nogueira. - 2023.  
27 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Leonardo da Silva Alves, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Jornalismo esportivo. 2. Telejornalismo. 3. Identidade regional. 4. Globo Esporte. I. Título

21. ed. CDD 070.195

ERICKSON DA SILVA NOGUEIRA

VISIBILIDADE DO ESPORTE NORDESTINO: UM ESTUDO DA PRESENÇA DO  
NORDESTE NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Jornalismo.

**Área de concentração:** Jornalismo Esportivo.

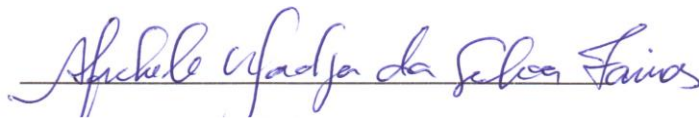
Aprovado em: 28/06/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Leonardo da Silva Alves (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profa. Ma. Michele Wadja da Silva Farias  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Me. Rafael de Araújo Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, minha mãe e irmãos,  
dedico este trabalho. Foi uma construção  
no qual todos eles me ajudaram  
imensamente para que esse sonho se  
tornasse realidade.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1</b> – Reportagens exibidas entre 1º de fevereiro e 29 de abril.....	<b>20</b>
<b>Gráfico 2</b> – Minutos de exibição do programa.....	<b>20</b>
<b>Gráfico 3</b> – Reportagens exibidas em fevereiro.....	<b>21</b>
<b>Gráfico 4</b> – Minutos de exibição no mês de fevereiro.....	<b>21</b>
<b>Gráfico 5</b> – Reportagens exibidas em março.....	<b>22</b>
<b>Gráfico 6</b> – Minutos de exibição no mês de março.....	<b>22</b>
<b>Gráfico 7</b> – Reportagens exibidas em abril.....	<b>23</b>
<b>Gráfico 8</b> – Minutos de exibição no mês de abril.....	<b>24</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO</b> .....	10
2.1 Jornalismo esportivo no Mundo e no Brasil.....	10
2.2 Jornalismo esportivo em rede nacional na televisão .....	14
<b>3 JORNALISMO ESPORTIVO E IDENTIDADE REGIONAL</b> .....	17
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	18
4.1 Procedimento de coleta de dados .....	19
<b>5 O ESPORTE PRATICADO NO NORDESTE TEM VISIBILIDADE NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE?</b> .....	19
5.1 Análise mensal .....	20
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	24
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	25

## VISIBILIDADE DO ESPORTE NORDESTINO: UM ESTUDO DA PRESENÇA DO NORDESTE NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE

### VISIBILITY OF NORTHEAST SPORT: A STUDY OF THE PRESENCE OF THE NORTHEAST IN THE GLOBO ESPORTE PROGRAM

NOGUEIRA, Erickson da Silva<sup>1</sup>

#### RESUMO

Com o intuito de identificar a frequência de manchetes esportivas no telejornal esportivo Globo Esporte, em sua edição nacional, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a recorrência e veiculação de manchetes relacionadas ao esporte praticado na região Nordeste no telejornal, e identificar qual o conteúdo abordado nessas reportagens exibidas. Neste sentido foi feita uma análise de 76 edições do telejornal Globo Esporte, num período que compreende fevereiro a abril de 2023, para identificar, numericamente, a exibição de reportagens com relação ao esporte praticado na região Nordeste do Brasil e como o conteúdo é veiculado no programa. Através dos dados obtidos na pesquisa, podemos concluir que há pouco espaço na grade do telejornal para manchetes relacionadas ao esporte da região Nordeste e, quando há espaço, as reportagens veiculadas são de curto período de exibição e, em certas vezes, reforçando estereótipos e caricaturas com relação à região.

**Palavras-chave:** Jornalismo Esportivo; Telejornalismo; Identidade regional; Globo Esporte.

#### ABSTRACT

In order to identify the frequency of sports headlines on the Globo Esporte sports newscast, in its national edition, this research aims to analyze the recurrence and broadcast of headlines related to the sport practiced in the Northeast region on the newscast, and to identify which content is addressed in these reports. In this sense, an analysis of 76 editions of the television news Globo Esporte was carried out, in a period that comprises February to April 2023, to identify, numerically, the exhibition of reports regarding the sport practiced in the Northeast region of Brazil and how the content is conveyed in the program. Through the data obtained in the research, we can conclude that there is little space in the television newscast for headlines related to sports in the Northeast region and, when there is space, the reports published are short-term and, at times, reinforce stereotypes and caricatures. with respect to the region.

**Keywords:** Sports Journalism; Telejournalism; Regional identity; Globe Sports.

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I  
E-mail: ericksonnogueira2@gmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa presente neste trabalho se insere no debate da inclusão de áreas periféricas do Brasil no jornalismo esportivo tradicional, especialmente no campo dos valores-notícia e critérios de noticiabilidade e identidade regional dentro do jornalismo esportivo, no caso deste trabalho, na área televisiva. A presente pesquisa aborda, particularmente, a temática de como reportagens sobre a região Nordeste do Brasil são veiculadas no telejornal esportivo Globo Esporte, em sua edição nacional, e toma como problema a identificação da constância de exibição de materiais relacionados à essa região no telejornal.

É perceptível numa análise empírica que a veiculação de reportagens no telejornal esportivo Globo Esporte, em sua edição nacional, contempla a veiculação de determinadas modalidades esportivas, dentre elas o futebol - carro-chefe do jornalismo esportivo -, e que se concentra em regiões geográficas específicas do território brasileiro, como o Sudeste, deixando, assim, outras regiões sem o espaço para que o esporte praticado em outras modalidades seja conhecido.

E com a grade do telejornal esportivo concentrada em informações da região Sudeste, é necessário entender, um pouco, sobre a história da região Nordeste, principalmente no campo sociológico. Para isso a pesquisa encontrou suporte teórico em Albuquerque Júnior, em sua obra “A invenção do Nordeste”, explica que um dos motivos para a região ser “inferior” ao sul do país está ligada não somente a questão geográfica ou econômica, mas que esbarra numa identidade nacional, e, no caso do esporte, tem o agravamento de os principais clubes de futebol, principal modalidade esportiva do país, estarem na região Sudeste do Brasil, o que acaba tendo interferência direta na escolha do que vai ser exibido no telejornal.

Como objetivo geral o estudo buscou analisar, através de manchetes do telejornal esportivo Globo Esporte, em 76 edições, dentro do período de 1º de fevereiro a 29 de abril do ano 2023, como reportagens sobre o esporte praticado na região Nordeste do Brasil têm espaço num programa nacional para questionar a sinopse do telejornal, no qual afirma que “apresenta cobertura completa dos eventos esportivos do Brasil e do mundo, e acompanha o dia a dia dos atletas”.

Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa se define como quantitativa e explicativa, pois a intenção desta pesquisa é identificar fatores que determinam ou busque explicar a razão da problemática, que é descobrir se o esporte da região Nordeste tem espaço num telejornal esportivo nacional. Além disso, foi feito um levantamento de dados através de análise de manchetes do telejornal Globo Esporte através da plataforma de streaming Globoplay, na intenção de entender a problemática através de números e os interpretar para chegar a uma conclusão.

Como referenciais teóricos, trazemos autores que contribuem bibliograficamente para a construção e entendimento lógico desta pesquisa. Através das pesquisas de autores como Coelho (2003), Maluly (1998), Vogel (2007) e Soares (1994), auxiliou no entendimento da história do jornalismo esportivo no país e sua relação com a transmissão em rede nacional de televisões. Albuquerque Júnior (2011)

para a compreensão sociológica e buscar entender a relação do Nordeste com sua identidade regional, e, dessa forma, aplicar as teorias para o campo esportivo.

Primeiramente, será apresentada a história do jornalismo esportivo no Brasil e no mundo, trazendo toda a cronologia do jornalismo esportivo e buscar entender o seu espaço na televisão, e, em seguida, compreender a veiculação de materiais locais para âmbito nacional e, dessa forma, chegar à compreensão de como o jornalismo de rede é influenciado pela identidade regional de outros setores do país.

Posteriormente, serão apresentados os dados coletados na pesquisa que buscou-se identificar a presença de manchetes esportivas relacionadas à região Nordeste no programa. Além dos números expostos neste trabalho, foram utilizados gráficos para melhor auxiliar no entendimento e interpretação dos dados coletados.

## 2 HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO

### 2.1 Jornalismo esportivo no Mundo e no Brasil

A história de coberturas jornalísticas no âmbito esportivo tem por volta de cem anos, de acordo com Fonseca (1997). Com a profissionalização de diversas modalidades esportivas, a criação de grandes clubes de futebol e o surgimento das torcidas, o jornalismo esportivo tornou-se ainda mais importante, uma vez que era necessário informar a todos sobre os acontecimentos do meio esportivo.

Os primeiros registros de coberturas esportivas com viés jornalístico são do jornal francês 'Le Sport', no ano de 1854, de acordo com Luciano Maluly (1998), que publicava crônicas sobre modalidades esportivas como haras, turfe e caça, além de sessões de outras modalidades, como canoagem, natação, pesca, boxe, bilhar e outros esportes.

A primeira área esportiva a receber uma cobertura mais elaborada dos veículos impressos foi o hipismo, em meados do século XIX, na França. A grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então, só se registravam notas sobre o boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares. (FONSECA, 1997, p. 44)

No início, não havia práticas esportivas com um caráter de audiência, como atualmente funciona com o futebol, o que dava permissão para que a imprensa da época abordasse mais o papel informativo social e de saúde com relação aos esportes. Um dos periódicos mais antigos do mundo, o '*Gazzetta Dello Sport*', criado em Milão, na Itália, é do ano de 1896, e no início do jornal, as publicações apresentavam textos variados, onde abordavam práticas de atividades físicas, turfe, ciclismo, remo, boxe e outras modalidades.

No começo, a imprensa que cobria eventos esportivos mostrava aos leitores algumas informações e explicações mais voltadas a como se praticava determinada modalidade esportiva. À medida que o esporte e os eventos esportivos começaram a ganhar proporções, seja de público ou interesse, as colunas esportivas começaram a conquistar um novo status, isso porque pessoas influentes e de classe alta da

sociedade começaram a se interessar pelas modalidades esportivas e eram essas personalidades que apareciam nas reportagens dos periódicos da época, o que deixava o esporte em segundo plano.

O nascimento e crescimento do jornalismo esportivo em solo brasileiro está muito atrelado a implementação da prática do futebol no país. Mesmo que haja diversas modalidades esportivas, para o jornalismo esportivo o “carro-chefe” de sua programação é o futebol. E no país que ganhou cinco títulos de Copas do Mundo da FIFA, o futebol é o esporte mais popular do país.

A história do jornalismo esportivo no Brasil está intrinsecamente ligada ao futebol, mas nem sempre foi assim. No início do século XX, a prática do futebol era considerada para pessoas com poder aquisitivo mais abastado, de pessoas influentes, e que, para os periódicos da época, não era de se considerar que este esporte, o futebol, ocupasse algum espaço nas páginas do jornal. No impresso da época, editorias como as de Economia e Política tinham maior prestígio da cobertura jornalística, e o esporte ficava em segundo plano, quando havia algum espaço para ele, ou quando o esporte era associado ao entretenimento, pela ligação com personalidades influentes da sociedade na época.

Para Vogel (2007), o jornalista Mário Filho viu no esporte algo a se explorar para o meio jornalístico.

O esporte era um assunto desprezado pelos jornais. Foi Mário Filho quem viu no esporte um filão inexplorado do jornalismo e a importância social do esporte. Ele achava que o jornalista não devia apenas reportar a realidade, devia também criar a realidade. Assim ele deu origem à Copa das Nações, trouxe os remadores de Cambridge para o Rio, mandava dez repórteres cobrirem uma corrida de cavalos na Gávea. (VOGEL, p.149)

Para Coelho (2011), os jornalistas esportivos do século XX se desdobravam para escrever no curto espaço lhes era dado nas páginas dos jornais impressos para que as pessoas pudessem ter acesso aos conteúdos esportivos no meio de editorias mais robustas, como Política e Economia, sem contar que, na época, a profissão de jornalista esportivo era mal vista pela sociedade.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. De fato, de menor poder aquisitivo significava menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava em nenhuma lista de prioridades. (COELHO, 2011, p.9)

O panorama do jornalismo esportivo começa a tomar um rumo de maior aceitação nos impressos no Rio de Janeiro. A primeira reportagem sobre o futebol trazia consigo informações sobre os clubes da elite do futebol carioca e foi publicada em 1901, contudo, não teve tanta repercussão popular. A popularização veio em 1923, quando deu-se espaço para a cobertura da equipe do Vasco da Gama que conquistou o título carioca no qual aquela equipe ficou conhecida como os “Camisas Negras”.

Até que o Vasco, em 1923, venceu apostando na presença dos negros em seus quadros. Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. (COELHO, 2011, p. 9)

Na época, o esporte mais praticado no Brasil era o remo e essa mesma modalidade enfrentava o pessimismo de quem afirmava que os esportes jamais ganhariam espaço nas páginas dos jornais. Só que, na década de 1920, com o futebol conquistando espaço e interesse popular, o remo foi perdendo o protagonismo. Mas ainda tinha quem achasse que o futebol não vingaria, e uma dessas pessoas foi Graciliano Ramos, quando afirmou que, segundo Coelho (2008, p.7), “futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho”.

No ano de 1925, faltando exatamente cinco anos para o início da primeira Copa do Mundo FIFA, o Brasil, até então, havia conquistado por duas vezes a Copa América, sendo bicampeão sul-americano, e o futebol ganhava cada vez mais espaço no gosto popular. Mas mesmo com toda repercussão que o esporte ganhava entre as massas, os periódicos resistiam em dar mais espaço para as reportagens esportivas.

No entanto, os jornais dedicavam espaços mínimos para o que já parecia ser a grande paixão popular. O Correio Paulistano, por exemplo, liberava apenas uma coluna para as matérias que incluíam futebol. E duas colunas para o turfe. [...] Evidentemente não havia na época a cultura dos grandes jornais de hoje, com cadernos inteiros dedicados aos esportes. (COELHO, 2011, p.11)

Segundo Coelho (2011), o Jornal dos Sports foi, à rigor, o primeiro periódico a lutar por uma realidade mais inclusiva de matérias esportivas e ter um diário exclusivamente voltado aos esportes no Brasil. O periódico acompanhou - e diga-se de passagem foi o responsável por acompanhar a primeira crise do futebol nacional - a profissionalização do futebol no país, em meados da década de 1930. Isso porque, em 1929, os dirigentes do Paulistano se revoltaram porque não queriam pagar aos seus atletas, que até então era o maior vencedor do Campeonato Paulista, com 11 taças.

Seus dirigentes achavam um absurdo pagar jogadores para que entrassem em campo e jogassem futebol. Até hoje há quem pensa assim. Julgam que jogador de futebol ganha dinheiro demais para exercer atividade que quase não exige esforço intelectual. Os sócios de futebol do Paulistano se rebelaram. Não achavam justa a decisão do clube de acabar com um departamento tão vitorioso. (COELHO, 2011, p.10-11)

A polêmica se espalhou pelas duas cidades mais populosas do país, São Paulo e Rio de Janeiro, e os periódicos cobriam esses detalhes como podiam. Devido à falta de espaço, davam mais prioridade para o que acontecia dentro de campo do que fora dele. Em 1937, o duelo entre Vasco da Gama x América-RJ marcou o pioneirismo do profissionalismo, de fato e de direito, no país e a realização do campeonato unificado.

A partida foi marcada para o estádio de São Januário, no dia 31 de julho. Vasco e América entraram em campo juntos e o Vasco venceu por 3 x 2. Daí em diante, o Brasil inteiro passou a chamar o clássico entre as duas equipes de ‘Clássico da Paz’. Era só um lado do romance que o Brasil, principalmente o Rio de Janeiro, aprendeu a imprimir ao jornalismo esportivo. (COELHO, 2011, p. 16).

Com o passar do tempo, outros meios tecnológicos foram sendo incorporados à prática jornalística, como o rádio e a televisão, e posteriormente a internet. A primeira transmissão futebolística no rádio foi realizada em 1931. De acordo com Soares (1994), a transmissão da partida entre a seleção de São Paulo e seleção do Paraná

foi crucial para que o futebol conquistasse adeptos do esporte. No começo da década de 1930, tanto o futebol quanto o rádio passavam pelo mesmo processo de afirmação e profissionalização, sem contar com a falta de tecnologia apta para quem fosse trabalhar com isto.

Os locutores esportivos enfrentavam muitas dificuldades por causa da falta de recursos técnicos e suas irradiações raramente saíam perfeitas. A tecnologia tinha pouco a oferecer. [...] A persistência em realizar narrações esportivas diretas provocou a busca de melhoria nos equipamentos e o gênero acabou influenciando o desenvolvimento do jornalismo radiofônico brasileiro. (SOARES, 1994, p.32 e 33)

O esporte cresceu com o aporte do rádio, e quando a televisão começou a se instalar e ganhar popularidade no Brasil, o esporte passou a ocupar um espaço considerável na grade da programação televisiva, modificações essas que iam desde boletins informativos a mesas de debates, além de programas voltados ao esporte que eram exibidos diariamente, como o Globo Esporte, da TV Globo, que surgiu em 1978. Essas movimentações proporcionadas pelo espaço na televisão fizeram com que o esporte fosse cravando-se no cenário jornalístico como uma editoria forte - e que gerava apelo e atenção da população.

Com a utilização da TV, o jornalismo esportivo impresso ganhou impulso e tinha que ter mais credibilidade, pois os leitores dos periódicos, agora, passavam a ver com seus olhos o que acontecia nos gramados ou nas quadras, então os jornais tinham que ser fiéis às imagens das TVs. No ano de 1970, ano em que a Seleção Brasileira conquistou o tricampeonato em Copas do Mundo, a editora Abril lançou a revista Placar, especializada unicamente em futebol.

Entre o fim da década de 1980 e no início dos anos 90, houve um período instável para a manutenção de revistas especializadas em determinadas modalidades esportivas, a exemplo de revistas como a Saque, que falava sobre vôlei, e a Lance Livre, que abordava assuntos voltados ao basquete, que não emplacaram e acabaram sendo extintas.

A década de 90 foi um período que trouxe inovações no modelo de se fazer o jornalismo esportivo. Com a popularização da internet, veio o nascimento e crescimento de sites e portais voltados para a cobertura esportiva e esse novo período causou um otimismo e, ao mesmo tempo, instabilidade no mercado do jornalismo esportivo. Coelho (2011) explica que a chegada da internet ao jornalismo esportivo causou um frenesi no mercado jornalístico da época, com a oferta de salários altos, mas que logo causou um impacto na rotina das redações jornalísticas da época.

Parecia a redenção dos jornalistas. Acostumados a salários míseros no final do mês, alguns receberam propostas milionárias. A situação lembrava de longe a de jogadores de futebol, convidados por clubes rivais a ganhar duas, três vezes do que recebiam nos clubes anteriores. Ao mesmo tempo que novas empresas surgiam, as redações já existentes dos veículos tradicionais eram convidadas a fazer parte do boom da internet. [...] Só que a festa dos sites acabou no início de 2001. [...] A estabilidade chegou em 2002. Quem tinha de continuar investindo continua até hoje. [...] Vale a velocidade, mais do que o critério jornalístico. (COELHO, 2011, p.60,61 e 63)

Os sites da internet voltados ao jornalismo esportivo começaram a utilizar os serviços de agências de notícias para compor a sua grade de conteúdos e o número de profissionais efetivos para trabalhar na editoria de esporte dos portais caiu consideravelmente.

Atualmente, as emissoras de televisão são responsáveis por considerável parcela na renda de clubes de futebol do Brasil, no qual as cotas de transmissão dos campeonatos de futebol são repassadas para os clubes; o rádio, por sua vez, perdeu um pouco de espaço; já a internet se consolidou como um meio acessível e facilitador de propagação das notícias esportivas e fonte de renda de jornalistas e emissoras que utilizam o meio para alcançar mais audiência; e dentro deste espaço aparecem as TVs por assinatura, que, desde o ano de 2004, ganharam espaço com programações diárias voltadas ao esporte.

## **2.2 Jornalismo esportivo em rede nacional na televisão**

A televisão tem o privilégio de ocupar um lugar prioritário quanto aos meios de comunicação, pois ela tem o poder de unidade, de unir classes sociais e povos distintamente, mesmo que sem a necessidade da presença física dessas pessoas entre si, apenas através da tela da televisão, pois a televisão “desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condução de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população” (REZENDE, 2000, p.23). No início da implementação da televisão no Brasil, as transmissões eram locais, e, com o avanço da tecnologia, as transmissões passaram a ser em cadeia de rede para todo o país.

Vale ressaltar que a identidade que a televisão auxilia a construir é um mecanismo midiático de ligamento e troca de experiências entre povos distintos, pois a televisão “é a única atividade a fazer a ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre os cultos e os menos cultos. Todo mundo assiste à televisão e fala sobre ela” (WOLTON, 1996, p.16).

Os primeiros ensaios para uma transmissão esportiva na televisão aconteceram logo após a criação da TV Tupi (1950), quando Aurélio Campos comandou o programa “Vídeo Esportivo”. A primeira transmissão ao vivo de uma partida de futebol pela televisão foi em 1955, o clássico Santos e Palmeiras, vencido pelo alvinegro por 3 a 1, na Vila Belmiro, numa transmissão da Record.

No jornalismo de rede, essa ligação proporcionada pela televisão ultrapassa campos mais bem definidos, variando entre ir de produtores a consumidores, entre os próprios produtores e entre consumidores das mais variadas escalas. No jornalismo de rede, a interação entre os produtores do conteúdo e os telespectadores é limitado e pré-definido, de acordo com uma perspectiva de quem não está vivenciando a realidade nem de produtores nem de consumidores, uma vez que produzir para a rede é fornecer ao público um material heterogêneo, e o conteúdo é pensado para atingir todos os públicos ao mesmo tempo, sem especificidades.

O que acontece numa redação que pratica o jornalismo em rede é que os mecanismos são reduzidos às experiências de jornalistas que estão presentes nas

afiliadas de determinada emissora, e esses jornalistas locais devem cumprir diretrizes enviadas pela rede - geralmente localizada na sede da emissora, numa outra localidade. Pré-requisitos e pré-julgamentos de conhecimento de identidades são utilizados por quem pauta materiais que serão veiculados na rede, seguindo um senso comum de redação, que está longe de ser a de conhecer a vivência de quem trabalha na afiliada.

Produzir para a rede a partir da periferia é um exercício de enquadramento editorial mais rigoroso que aquele já executado no dia a dia da redação primária dos jornalistas encarregados de abastecer a rede a partir das afiliadas. (SOUSA, 2013, p.115)

O resultado disto é a produção de um material supérfluo, que, por consequência, resulta num telespectador local sendo tratado como telespectador de rede, que, segundo Sousa (2013), é “com a superficialidade dispensada às grandes audiências para as quais se quer apresentar o maior número possível de recortes da realidade no menor tempo disponível”.

No Brasil, existem diversas redes locais de televisão, que são comumente conhecidas como “afiliadas”. Essas emissoras podem ser restritas apenas a uma unidade federativa, exercendo o papel de rede regional, ou ligadas às redes nacionais, que são constituídas por um conjunto de geradores e retransmissores de televisão, que tem alcance em todo território nacional. Exemplo de redes nacionais de televisão que operam um sistema de retransmissão de sinal para afiliadas são a TV Globo, o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), a Rede Record, a Rede TV!, a Rede Bandeirantes (Band) e a Rede Brasil (pública).

Só que a hegemonia de uma emissora de televisão não é baseada apenas numa questão de caráter técnico ou no número de afiliadas que transmitem seu sinal, mas é, também, a forma como essa rede mantém uma questão de identidade com o telespectador, identidade essa que é lapidada desde a organização editorial da grade de programação da emissora até a estética dos programas que são veiculados nela.

De acordo com Sousa (2013), a televisão no Brasil tem um papel de funcionamento muito peculiar se comparado ao oferecido em outros países, e que, corroborando com o pensamento de Bucci (1996), a televisão brasileira

parece ter uma obsessão por afirmar-se diariamente como o mestre de cerimônias da integração da nacionalidade. Tudo aquilo que clama pela confraternização, pelo congaçamento, pela união da pátria é vital na programação (...). Em sua insistência no tema, a televisão fabrica e mantém aceso o sentimento de patriotismo que hoje é cultivado. (BUCCI, 1996, p.33-34).

A televisão, segundo Rezende (2000), gera um fascínio que não se limita a fatores circunstanciais da realidade brasileira, mas que está intrínseca à própria natureza do meio televisivo. Sousa (2013) corrobora com o autor, e explica que a televisão é um caso “particular que consegue construir panoramas da realidade, representações do cotidiano e formas de perceber o outro, subsidiários dos processos internos que entrelaçam a produção, a circulação e o consumo das mensagens televisivas”.

Na TV Globo, as emissoras estaduais afiliadas têm espaços para exibição e programação local durante a semana. Na Paraíba, por exemplo, a emissora libera espaços na programação para exibição de telejornais como o Bom Dia Paraíba, JPB1, JPB2, Globo Esporte e Paraíba Comunidade, e dentro desses espaços a emissora vê, também, a possibilidade de “regionalizar” a programação da rede.

Com essa prática, a cabeça de rede se coloca numa posição privilegiada de estar costumeiramente pautando os assuntos locais, o que for relevante no cenário nacional ela pode solicitar repercussões locais do mesmo assunto, mesmo sem ter conhecimento da rotina produtiva local, e institui seus hábitos para que os telespectadores criem uma identidade, seja ela visual ou de consumo, com determinado padrão daquela emissora.

A Rede Globo fideliza o telespectador mantendo um padrão de emissão: no sentido horizontal (referente aos dias da semana) e no sentido vertical (referente aos horários durante um dia), o telespectador sabe o que vai encontrar. Esse padrão ajuda a criar o sentido de comunidade entre pessoas que não se conhecem, mas que fazem a mesma coisa em determinados horários. Ao compartilhar o hábito de ver certos programas, mesmo sem saber, cada indivíduo age como grupo. (SOUSA, 2013, p.112-113)

A “identidade” comercializada pela rede acaba sendo algo pré-determinado através do conteúdo já construído no imaginário popular, conteúdo este que acaba reforçando estereótipos e narrativas de uma percepção de região de alguém que não presencia a realidade local. A diversidade até está presente, mas é tão mascarada, tão reelaborada de estereótipos que quase não é percebida. De acordo com Sousa (2013),

as culturas regionais separam-se da nacional, a qual é atribuída uma relação de distância por ser ela a cultura dominante. As demais são subalternas. Na televisão, o telejornalismo contribui decisivamente para essa subordinação, pois promove ativamente a construção de dominantes culturais ao privilegiar aspectos culturais das metrópoles e grandes centros urbanos. (SOUSA, 2013, p.135-136)

Independentemente do nível de “identidade cultural e local” que os materiais produzidos para/pela rede são apresentados, antes de tudo o telejornal de rede é preparado para ser objetivo e atingir, no mesmo nível, diversos públicos, sem precisar ser especializado. Soares (2013) explica que

o telejornal em rede é pensado para ser um resumo: do dia, da nação, do mundo. E como resumo, ele não pode se aprofundar, por isso a insistência no que é familiar e aceitável para quem fica em frente ao aparelho televisor. Podemos argumentar, ainda, que não existe negociação da identidade cultural no telejornal. Até a legitimidade é imposta pelo mecanismo de construção da dominante cultural que o telejornal contribui para fixar no imaginário de sua audiência. (SOUSA, 2013, p.141)

O programa esportivo Globo Esporte, da TV Globo, também utiliza o recurso de jornalismo de rede. E nesta pesquisa, será analisado como as reportagens de rede produzidas nas afiliadas do Nordeste são veiculadas no programa, desde o formato do conteúdo, a periodicidade e constância.



### 3 JORNALISMO ESPORTIVO E IDENTIDADE REGIONAL

Antes de entender o que é o jornalismo esportivo, é necessário compreender as noções básicas da prática do jornalismo. Diversos autores divergem sobre o que é jornalismo, mas um desses autores, Nelson Traquina (2005), explica que “o jornalismo é uma atividade intelectual”, e dentro do jornalismo, existem diversos critérios a serem seguidos e esses critérios podem divergir entre um autor e outro na área da comunicação.

O senso crítico dos jornalistas faz com que, para selecionar o que é notícia ou não, ele tenha que aplicar algum critério jornalístico até que o material seja veiculado. Um desses critérios jornalísticos é conhecido como teoria de *gatekeeper*, que é quando, segundo Traquina,

o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem de passar por diversos *gates*, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. (TRAQUINA, 2005, p. 150)

Esse processo de escolha do que vai ser veiculado ou não, do que é notícia ou não, varia de acordo com o jornalista (ou veículo de comunicação), se aplicada a teoria do *gatekeeper*. Como falado nesta pesquisa, uma das áreas de produção jornalística é a de reportagem para a rede, e quando o jornalista de rede (seja ele da chefia ou o produtor, este que geralmente está em uma afiliada local) precisa desempenhar a pauta, ele tem missões para cumprir o que lhe é solicitado. Uma dessas missões é compreender o pedido da rede quando se é pedido uma desassociação cultural. As reportagens com signos fortes e repetitivos da região são observadas por Albuquerque Júnior (1999, p.348) como “uma maquinaria de produção, principalmente, de repetição de textos e imagens”.

O pauteiro de rede, em muitas das vezes, não conhece a rotina do jornalista que trabalha numa afiliada, tendo, apenas, noções de redação básicas que são repassadas na faculdade de jornalismo. E por se prender à noção básica e não aplicar à realidade local, nem do jornalista, nem do público que vai consumir o conteúdo jornalístico, muitas das vezes as produções da rede são baseadas no que o público-macro conhece.

O jornalista esportivo, mesmo não tendo contato direto com demandas culturais ou que envolvam imersão em tal realidade, precisa ter conhecimento de sua realidade. Coelho (2008) explica que o jornalista precisa - e deve - ter conhecimento de outros setores do jornalismo, além do mundo dos esportes. E isso passa, também, pela noção da regionalidade e pertencimento, mesmo que o jornalista não esteja presente no meio.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica em transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. (COELHO, 2008, p.37)

No esporte, lidar com o regionalismo, principalmente com matérias pedidas pela rede, é algo consideravelmente árduo, pois os traços do ambiente local, onde o material será gravado, pouco serão explorados, pois a cabeça da rede limita a

exploração dessa cultura, algo que no jornalismo local é mais fácil de explorar e tornar público, até servindo como a manutenção da cultural local. Contudo, a premissa das matérias jornalísticas de rede é atingir os públicos das pontas com a mesma linguagem e abordagem, fazendo com que o grau de elaboração do material seja limitado, uma vez que a criatividade e liberdade do repórter para fazer o material jornalístico é menor.

No campo do jornalismo esportivo, Coelho (2008), explica que

quanto mais alto for o grau de reflexão que a matéria oferecer, e quanto maior for sua capacidade de atrair tanto o leitor que já tem conhecimento das notícias do esporte como o que ainda não as tem, mais elevado será o nível de elaboração dos jornais esportivos. (COELHO, 2008, p.85)

Coelho (2008, p.115) reforça que o papel do jornalismo, principalmente o esportivo, é de quebrar esses estereótipos e mostrar, também, que o jornalismo esportivo não é feito unicamente de esporte, que áreas como a cultura e identidade de uma região podem ser exploradas, principalmente quando o material tem a oportunidade de apresentar a região para o país através da televisão.

Os jornalistas que atuam na área esportiva precisam, segundo Coelho (2008, p.115), compreender que há a necessidade de se diferenciar das demais áreas, não havendo a necessidade de praticar um jornalismo unicamente voltado para esportes, batendo na tecla de que “conhecimento e criatividade andam lado a lado. Como também desprendimento e dedicação. Não é fácil agradar leitor exigente, como o que julga entender de esportes mais até do que quem escreve para ele - e em geral entende”.

#### **4 METODOLOGIA**

Este trabalho pode ser constituído como uma pesquisa de caráter bibliográfica, quantitativa e explicativa. De acordo com Gil (2008), as pesquisas explicativas têm a preocupação central de identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, e busca explicar a razão e o porquê das coisas. Dessa forma, com o intuito de investigar a presença de reportagens televisivas sobre o esporte nordestino no programa Globo Esporte, o presente trabalho escolheu utilizar a pesquisa do tipo explicativa a partir da análise de uma coleta de dados de um período de tempo das edições do programa.

Com relação à abordagem utilizada na construção da pesquisa, foi escolhido trabalhar a partir dos conceitos da pesquisa explicativa, de forma que, segundo Gil (2008), é uma categoria que vai auxiliar na busca pela compreensão e entendimento dos resultados desta pesquisa, tendo a finalidade de explicar e identificar a presença de reportagens televisivas sobre o esporte nordestino no programa Globo Esporte.

Para alcançar o propósito da pesquisa, foi analisado o programa Globo Esporte, da TV Globo, disponível na plataforma de streaming Globoplay, entre os dias 1º de fevereiro e 29 de abril de 2023, o que resulta numa análise de 87 dias e, dentro deste período, 76 edições do programa foram analisadas. Este período de tempo foi suficiente para a coleta de dados necessárias para a pesquisa e foi escolhido pois,

dentro do período, aconteceram competições importantes a nível estadual no Nordeste que acabam ganhando notoriedade no primeiro semestre de cada ano no esporte brasileiro, a citar os campeonatos estaduais e a Copa do Nordeste de Futebol.

Dentro da coleta de dados foram estabelecidos alguns critérios que acreditamos serem relevantes a serem analisados, como duração de tempo de cada reportagem voltada à região Nordeste, constância e tipo de material veiculado. Esses critérios foram divididos para melhor compreensão dos dados.

#### **4.1 Procedimento de coleta de dados**

Para validar o objetivo deste trabalho, a coleta de dados foi realizada na plataforma de streaming Globoplay, e foi dividida mês a mês (fevereiro, março e abril de 2023), no qual, dentro de cada mês, foi identificado dentro de cada edição do programa quantas reportagens foram exibidas, quantas matérias com relação ao esporte da região Nordeste do Brasil estiveram presentes no espelho do programa, qual o conteúdo das reportagens, tipo de cada matéria exibida, quais estados do Brasil foram contemplados com matérias produzidas em seus domínios e espaço (minutagem) dentro do programa nacional. No fim, os números foram somados e gerou um resultado final a ser interpretado neste trabalho.

A análise será feita numa amostragem dos dados quantitativos, no que diz respeito aos números obtidos a partir do levantamento obtido na coleta de dados feito em cada edição do programa Globo Esporte.

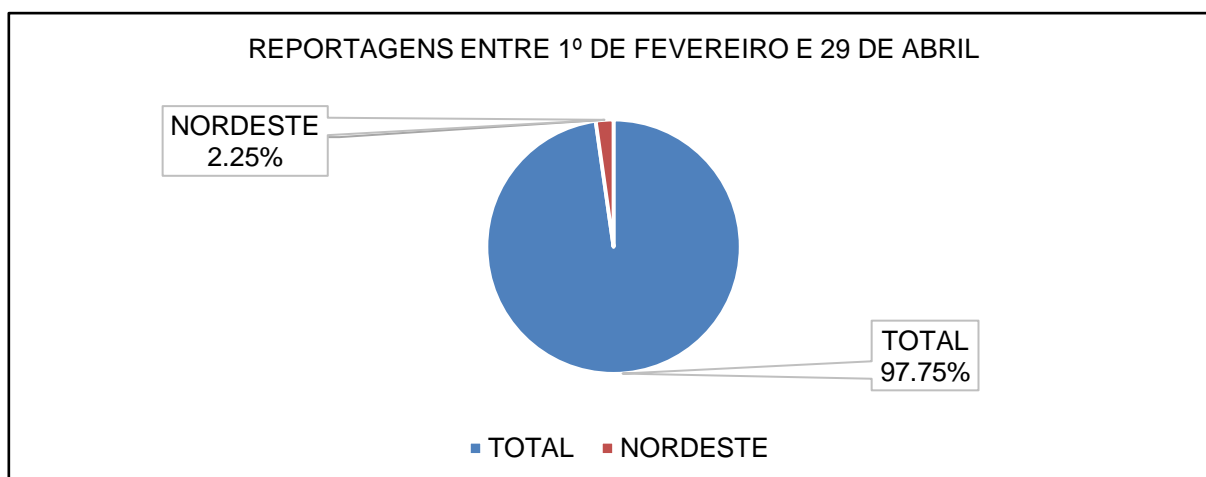
### **5 O ESPORTE PRATICADO NO NORDESTE TEM VISIBILIDADE NO PROGRAMA GLOBO ESPORTE?**

Neste trabalho serão analisadas reportagens do telejornal esportivo Globo Esporte, que é um telejornal que começou a ser exibido na TV Globo desde agosto de 1978. O programa é exibido sempre às tardes, de segunda a sábado, e abrange diversas áreas do esporte, com um foco maior na cobertura do futebol. A edição nacional do telejornal é gravada no Rio de Janeiro.

De agora em diante, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos na coleta de dados. As informações obtidas na coleta serão distribuídas em gráficos visuais, onde ficarão melhor dispostos para compreender o resultado conquistado ao longo da pesquisa.

A pesquisa foi feita com base na plataforma de streamings Globoplay, local onde ficam armazenados as edições diárias do Globo Esporte. Das 76 edições, foram analisadas 652 manchetes exibidas no telejornal esportivo, que variava entre VTs, notas cobertas e/ou peladas, *stand-ups* e vivos. No período analisado, apenas 15 materiais referentes à região Nordeste foram exibidos no programa nacional, e dentre esses materiais exibidos, há repercussão de gols de clubes de futebol em competições esportivas e personagens com ligação caricata.

Gráfico 1 – Reportagens entre 1º de fevereiro e 29 de abril

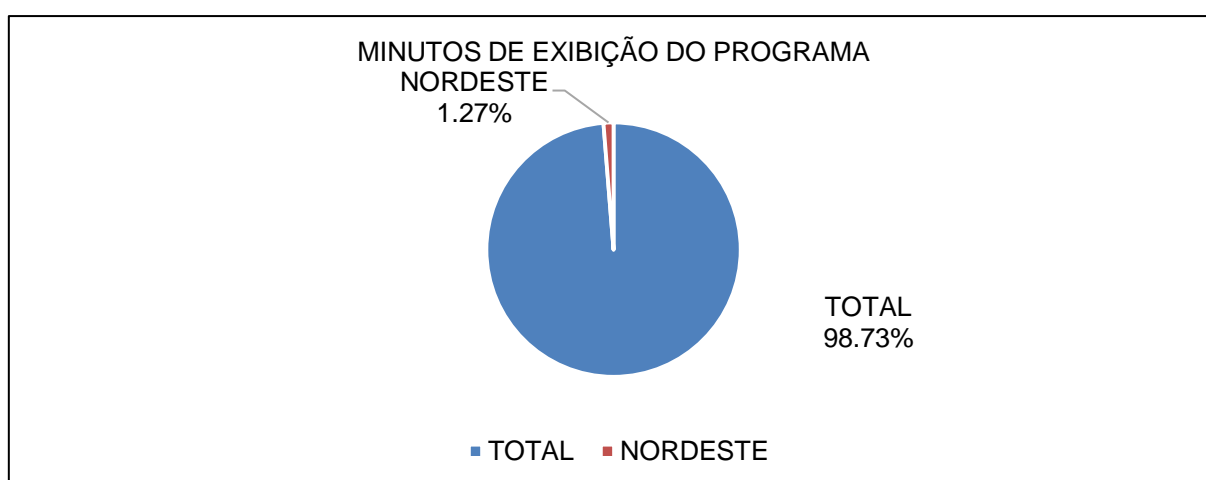


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como exemplificado no **gráfico 1**, das manchetes exibidas no programa no período analisado, apenas 2,25% das manchetes havia alguma menção a algum esporte na região Nordeste, quanto que, em contrapartida, 97,75% da grade de exibição do telejornal esportivo compreendia a veiculação de materiais de outras regiões do Brasil e do mundo.

O tempo de tela dado para a região Nordeste também foi algo analisado por esta pesquisa. Ao todo, abarcando os três meses de pesquisa, o telejornal teve 1.477 minutos de exibição, e com pautas relativas à região Nordeste foi destinado um período de tempo de 19,01 minutos. O **gráfico 2** mostra a diferença de tempo de exibição, com o programa em sua totalidade tendo 98,73% de tempo de exibição em tv aberta, dando apenas 1,27% de tempo de exibição para materiais relacionados à região Nordeste.

Gráfico 2 – Minutos de exibição do programa

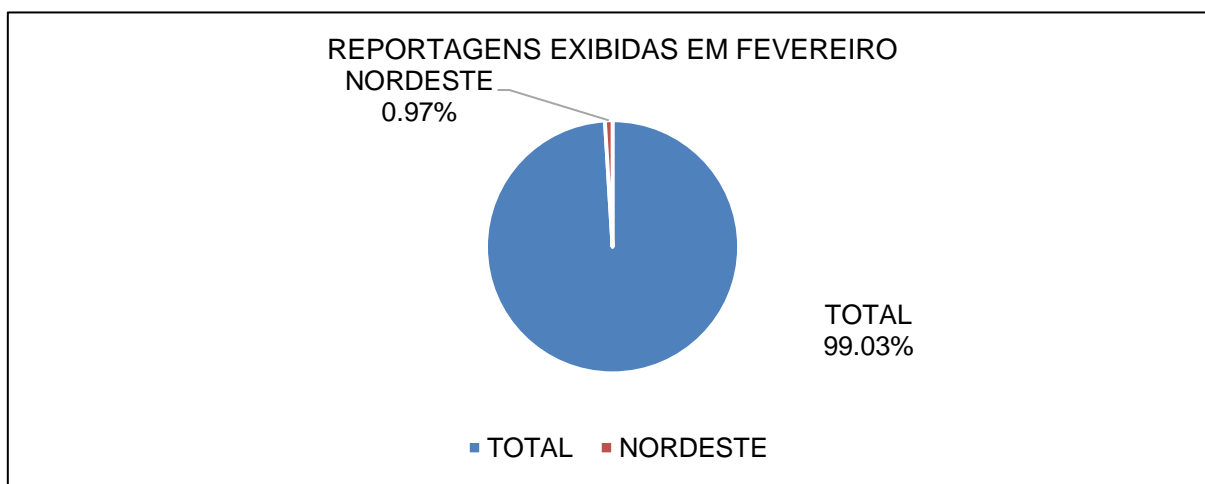


Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

## 5.1 Análise mensal

Inicialmente, a coleta de dados foi dividida por mês, já que, ao todo, o período de amostragem desta pesquisa compreendeu três meses. No mês de fevereiro de 2023, houve 24 edições do Globo Esporte edição nacionalizada. No total destas edições, foram veiculadas 205 manchetes, dentre VTs, notas – cobertas e peladas -, e vivos, além da cobertura de esportes como: futebol, vôlei, surfe, tênis, skate, jiu-jitsu, MMA, basquete, futebol americano e futevôlei. No mês de fevereiro, apenas duas (2) matérias jornalísticas com alguma referência com a região Nordeste foram veiculadas, sendo essas duas reportagens voltadas para o estado do Ceará, e ambas com conteúdo voltado para o futebol, como exemplificado no **gráfico 3**.

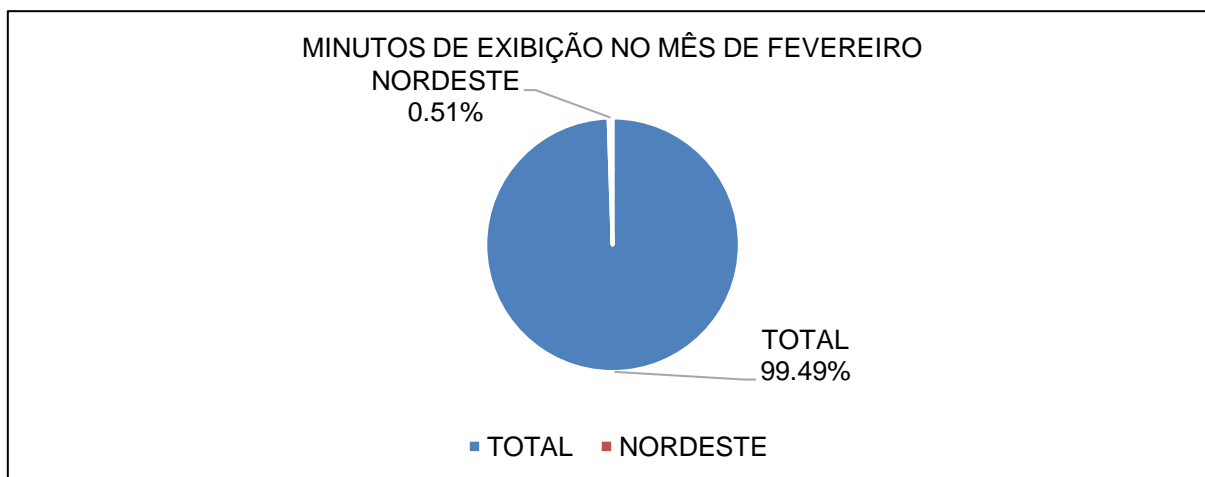
Gráfico 3 – Reportagens exibidas em fevereiro



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

O tempo de tela dado para a região Nordeste no mês de fevereiro foi de que o telejornal teve 458 minutos de exibição, e com pautas relativas à região Nordeste foi destinado um período de tempo de 2,34 minutos. O **gráfico 4** mostra a diferença de tempo de exibição, com o programa em sua totalidade tendo 99,49% de tempo de exibição em tv aberta, dando apenas 0,51% de tempo de exibição para materiais relacionados à região Nordeste.

Gráfico 4 – Minutos exibidos em fevereiro

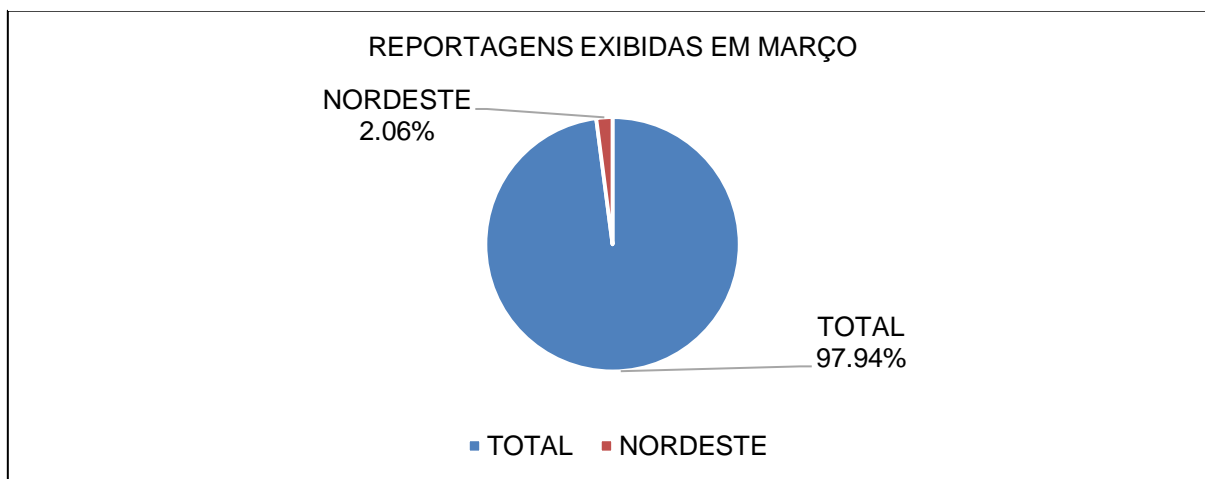


Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Em março de 2023, o número de aparições de materiais jornalísticos voltados à região Nordeste aumentou. No terceiro mês do ano, houve 27 edições do telejornal

esportivo, exibindo 238 manchetes, dentre VTs, notas – cobertas e peladas -, e vivos. Além da cobertura de esportes que se repetiu de fevereiro para março, houve a novidade na cobertura de outras modalidades esportivas com espaço de veiculação no programa, como *street soccer*, atletismo, vôlei de praia e levantamento de peso. Em março, houve a veiculação de cinco (5) materiais jornalísticos com alguma temática voltada para a região Nordeste, todos sendo VTs, abrangendo quatro estados da região, sendo Pernambuco (com duas produções), Sergipe, Rio Grande do Norte e Bahia, e todos os conteúdos voltados para o futebol, como exemplificado no **gráfico 5**.

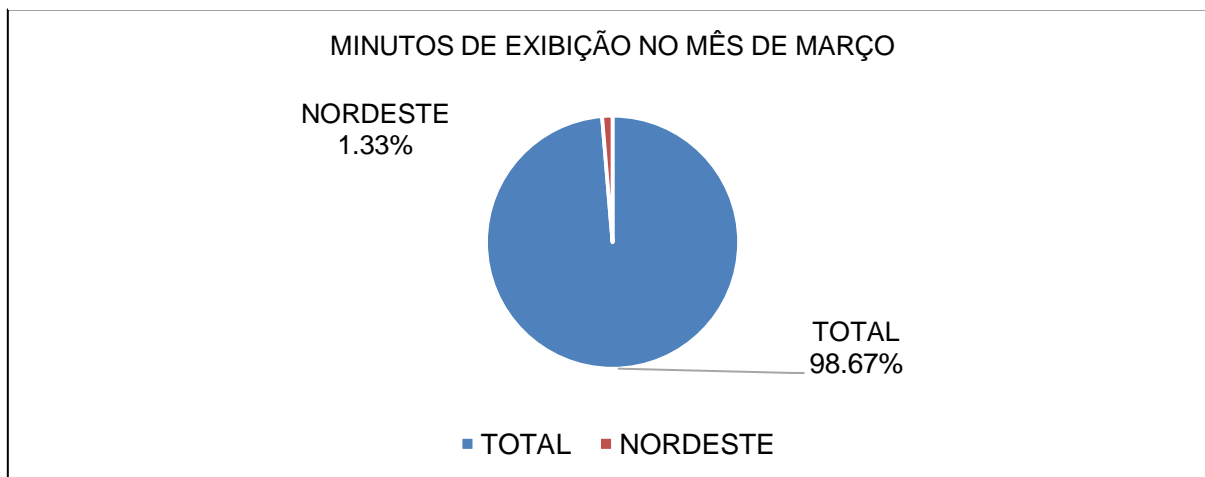
Gráfico 5 – Reportagens exibidas em março



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

O tempo de tela dado para a região Nordeste no mês de março foi de que o telejornal teve 532 minutos de exibição, e com pautas relativas à região Nordeste foi destinado um período de tempo de 7,15 minutos. O **gráfico 6** mostra a diferença de tempo de exibição, com o programa em sua totalidade tendo 98,67% de tempo de exibição em tv aberta, dando apenas 1,33% de tempo de exibição para materiais relacionados à região Nordeste.

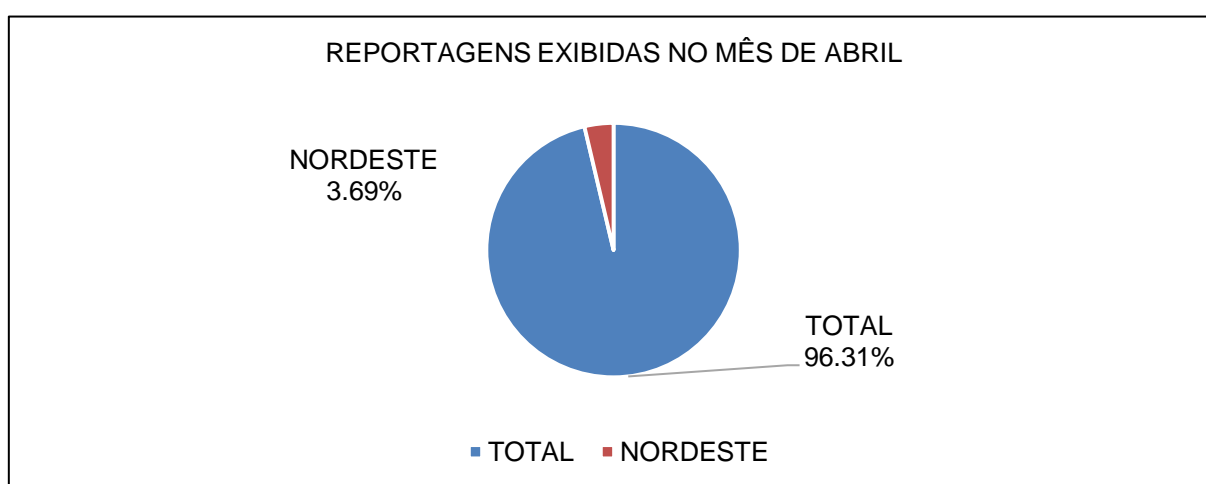
Gráfico 6 – Minutos de exibição no mês de março



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

No último mês analisado nesta pesquisa, abril de 2023, o telejornal esportivo teve 25 edições veiculadas, com 209 manchetes exibidas, dentre VTs, notas – cobertas e peladas -, e vivos. Além dos esportes já citados anteriormente, a novidade na cobertura do programa foi a modalidade de futsal. No quarto mês do ano, foram exibidos oito (8) materiais jornalísticos voltados à região Nordeste, e dentre esses materiais, que foram todos voltados para a cobertura de futebol estão a cobertura de gols de clubes de futebol em alguma rodada do Campeonato Brasileiro de Futebol, VTs sobre personagens caricatos e um ao vivo *in-loco* do Estádio Castelão, em Fortaleza, para atualizar informações sobre um dos jogos da rodada do Brasileirão que aconteceria no local. Os estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte foram mencionados nas reportagens e/ou tiveram gravações em seu interior, como exemplificado no **gráfico 7**.

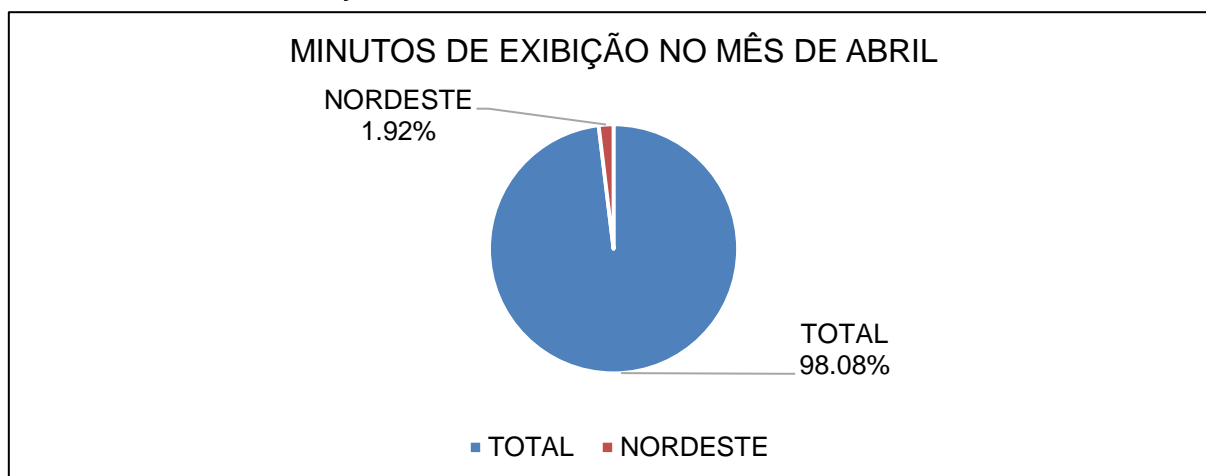
Gráfico 7 – Reportagens exibidas no mês de abril



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

O tempo de tela dado para a região Nordeste no mês de abril foi de que o telejornal teve 487 minutos de exibição, e com pautas relativas à região Nordeste foi destinado um período de tempo de 9,52 minutos. O **gráfico 8** mostra a diferença de tempo de exibição, com o programa em sua totalidade tendo 1,92% de tempo de exibição em tv aberta, dando apenas 98,08% de tempo de exibição para materiais relacionados à região Nordeste.

Gráfico 8 – Minutos de exibição no mês de abril



Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Apenas os estados da Paraíba e do Piauí que não tiveram materiais gravados em suas unidades ou sequer mencionados em qualquer edição do programa, a partir do período analisado nesta pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a programação do telejornal esportivo Globo Esporte, edição nacional, para identificar a constância de veiculação de reportagens que abordassem algo sobre a região Nordeste do Brasil, seja falando sobre atletas, personagens ou modalidades esportivas no geral. A partir da análise de 76 edições do telejornal, foi possível identificar a ausência ou pouco abordagem de conteúdos que mencionem o esporte praticado na região nordestina brasileira.

A partir dos dados obtidos em um levantamento durante três meses de pesquisa, de fevereiro a abril de 2023, através da plataforma de streamings Globoplay, pode-se comprovar que o esporte com maior visibilidade no telejornal é o futebol, modalidade esportiva que teve, em todas as edições pesquisadas, ao menos uma reportagem exibida a cada edição. Com relação à região Nordeste, todos os conteúdos citados no telejornal esportivo que mencionavam a região eram com alguma vinculação ao futebol.

Esse predomínio com relação ao futebol, como modalidade esportiva mais veiculada no Globo Esporte, e poucas entradas de materiais com relação à região Nordeste pode estar vinculado à critérios de noticiabilidades que o programa adote para montar a grade de programação de cada edição, como a teoria de *gatekeeper* (TRAQUINA, 2005), citado anteriormente nesta pesquisa. Por privilegiar o futebol, geralmente a edição do telejornal prefere exibir conteúdo de clubes de futebol com maior prestígio no país, estes localizados no eixo Rio-São Paulo, que concentra a maior parte de agremiações de futebol importantes do país.

Com os dados coletados, foi comprovado que apenas há pouco espaço para o esporte praticado no Nordeste no Globo Esporte em sua edição nacional, pois dentre 652 manchetes exibidas no telejornal esportivo no período de 1º de fevereiro a 29 de



abril, apenas 15 reportagens citam o esporte nordestino, o que corrobora com a justificativa inicial desta pesquisa, que era buscar entender se o esporte praticado na região Nordeste do Brasil tinha espaço num programa referência para o jornalismo esportivo nacional.

E dentre as reportagens com menção a algo da área esportiva da região Nordeste eram exibidas, algo que ficou bem evidente foi quanto ao espaço dado dentro da grade de programação e ao conteúdo destas reportagens. Foram apenas 19,01 minutos de reportagens voltadas à região Nordeste de um total de 1.477 minutos totais de telejornal, e dentre este pouco tempo destinado à região, uma temática bem delimitada era de que “o inusitado rende mais”.

Personagens com histórias que reforçam algum tipo de estereótipo tiveram tempo considerável de exibição. Personagens que participaram do quadro ‘Inacreditável FC’, ou reforçava algum estereótipo ou mantinha um padrão supérfluo de reportagem, sem explorar outros aspectos sejam do jogador, do clube ou com relação ao geográfico.

Essa construção de estereótipos e preconceitos, que é vigente e intrínseco ao jornalismo, faz com que a retratação do Nordeste seja, em sua maioria das vezes, atrelada a algum retrato isolado da região que é tido como uma verdade absoluta.

A sinopse do telejornal esportivo Globo Esporte, no qual afirma que “apresenta cobertura completa dos eventos esportivos do Brasil e do mundo, e acompanha o dia a dia dos atletas”, a partir dos dados coletados nesta pesquisa, não condiz com aquilo que o mesmo telejornal pratica nas edições diárias, na qual prevalece uma única modalidade esportiva com majoritária exibição, que é o futebol, e com concentração de produção de materiais na região Sudeste do país, e quando abre-se espaço para outras regiões e modalidades esportivas, o tempo de exibição é curto e, geralmente, o conteúdo é caricato, reforçando estereótipos de determinada região.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

BUCCI, Eugênio. **O Brasil em Tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. [S. l.]: Atlas, 2011. 408 p.

FONSECA, O. **Esporte e Crônica Esportiva**. TAMBUCCI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) **Esporte & Jornalismo**, São Paulo, CEPEUSP, 1997

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

MALULY, Luciano Victor Barros. **O futebol-arte de Telê Santana no jornalismo esportivo de Armando Nogueira**. 1998. 110 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998. Disponível em: <[https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/151116\\_Maluly%20\(M\)%20-%20O%20Futebol-arte%20de%20Tele%20Santana.pdf](https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/151116_Maluly%20(M)%20-%20O%20Futebol-arte%20de%20Tele%20Santana.pdf)>. Acesso em 13 maio 2023

MARQUES, J.C. **Parece que Todo o Brasil Deu a Mão**: As Copas do Mundo de Futebol e a Mobilização de Nossa Imprensa Esportiva. XXVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação (INTERCOM) – PUC/RS. Porto Alegre/RS, Setembro, 2004

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: Um perfil editorial. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2000. v. 1. ISBN 9788532307439.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, c 1994. 113 p.; 21 cm. Novas buscas em comunicação v. 45 Jornalismo esportivo. São Paulo (Estado) Radiodifusão esportiva. São Paulo (Estado)

SOUSA, LI-CHANG SHUEN CRISTINA SILVA. **MÍDIA E CULTURA NACIONALIZADA**: processos de homogeneização cultural e a televisão brasileira e argentina. 2013. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília, 2013. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14760/1/2013\\_LiChangShuenCristinaSilvaSousa.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14760/1/2013_LiChangShuenCristinaSilvaSousa.pdf). Acesso em: 16 maio 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2ª. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VOGEL, Daisi Irmgard. **Nelson Rodrigues em Manchete Esportiva: crônicas da alma brasileira**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano IV - n. 2 - p. 147 a 156 - jul./dez. 2007

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me guiado com sabedoria e iluminado meu caminho para que chegasse até aqui, e poder ter trilhado um caminho repleto de conquistas. Sou grato ao meu pai, Edival, minha mãe, Maria Neres, e às minhas irmãs, Ericksa e Eriellysa, por estarem comigo todo o momento, me incentivando e auxiliando no que fosse possível para que esse sonho pudesse se tornar realidade.

Aos meus amigos, Karla Lidiane, Beatriz Ferreira, Railson Lopes, Léia Caroline, Stefhany Nascimento e Rossana lândja, por sempre estarem comigo do início ao fim do curso, seja em questões acadêmicas ou da vida. Juntos, pudemos compartilhar felicidades e evoluir ao longo da graduação.

Aos professores que estiveram comigo durante a caminhada, que acreditaram no meu potencial e, de certa forma, o resultado desse trabalho tem um pouco de colaboração de cada professor que pude conhecer e angariar conhecimento.